

Jornalismo Investigativo em Podcasts: A Narrativa seriada em "A mulher da Casa Abandonada"¹

Prof. Dr. Rogério Martins de Souza²

Yasmin da Silva Rodrigues³

UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

RESUMO

Produzido em 2022, o podcast "A mulher da casa abandonada" trazia uma narrativa seriada que *juntava* jornalismo investigativo a outros recursos, como o *storytelling*. Ao analisar o processo, a metodologia acompanhou os episódios do podcast a fim de identificar aspectos formais, variáveis temáticas e questões ligadas à narrativa. Os resultados concluíram que os recursos do entretenimento aliados à investigação jornalística contribuíram para o sucesso da empreitada, embora possam também ter diluído a abordagem do principal tema da história: a escravidão moderna.

PALAVRAS-CHAVE: *podcast*; narrativa; personagens; *storytelling*; investigação.

INTRODUÇÃO

O jornalismo possui um papel importante para a descoberta de impunidades, revelando informações que podem estar escondidas, indisponíveis em registros oficiais e também ao público em geral. De acordo com Waisbord (2000), o jornalismo investigativo é marcado pela busca de irregularidades que envolvem as autoridades. Trata-se de algo complexo e que demanda apuração mais demorada. Produzir um *podcast* de jornalismo investigativo pode ser um processo demorado e caro. Muitos veículos de comunicação não têm recursos suficientes para realizar investigações detalhadas, pois este método envolve uma vasta pesquisa, podendo levar meses ou até anos para ser concluída.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Publicidade e Propaganda-UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024

² Orientador do trabalho. Professor do curso de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo do UniFOA. Doutor em Comunicação e Cultura. E-mail: rogerms@uol.com.br

³ Aluna do 7º período em Publicidade e Propaganda do UniFOA. E-mail yyasminrodr@gmail.com

Considere-se a reportagem produzida pelo jornalista Chico Felitti, “A mulher da casa abandonada”, sucesso em julho de 2022 nas plataformas digitais brasileiras com uma narrativa que misturava personagens fortes, uma casa misteriosa num bairro nobre de São Paulo e escravidão moderna. Embora o *podcast* não seja uma investigação policial – e nem se propõe a tanto - tornou-se uma investigação de cunho criminal, mostrando fatos que foram ocultados do público por muitos anos.

Dessa forma, o presente artigo busca analisar o uso do jornalismo investigativo na prática de *podcasts*, sua evolução e seu perfil na esfera atual, tendo como objeto de pesquisa a análise da narrativa empregada em “A mulher da casa abandonada”. Através da metodologia exploratória, buscou-se retratar os elementos jornalísticos ali empregados e que o levaram à enorme repercussão no país, buscando responder à questão: quais as contribuições que os *podcasts* podem trazer ao jornalismo investigativo na atualidade?

MÉTODOS

Levando em conta que a série contou com sete episódios (um a cada semana) a pesquisa propõe-se à discussão dos episódios e análise dos recursos jornalísticos utilizados, bem como suas técnicas de aumentar o suspense da narrativa empregada a cada episódio. A metodologia buscou destacar aspectos importantes de cada episódio específico da narrativa do *podcast*-objeto. Ao apresentar seu modelo de classificação aponta-se ser a necessidade de identificação dos principais elementos de cada produto e suas características, segundo a proposta de Bufarah Junior (2020), como aspectos temáticos, recursos de produção e recursos narrativos, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Bruck e Costa (2016), o *podcast* é uma ferramenta midiática cuja principal função é disponibilizar conteúdos de diversos formatos para os mais distintos meios e plataformas digitais. Segundo com Kischinhevsky (2012), é preciso definir hoje o rádio hoje como um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, os sites de jornais, os portais de música. A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a

edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação (KISCHINHEVSKY 2016, p. 279).

Sendo assim, devemos separar o *podcast* como uma nova expressão de linguagem por transmissão de áudio, pois essa divisão nos ajuda a entender melhor os limites da passagem de um meio para o outro (rádio/*podcast*) (BUFARAH; PADILHA, 2020). Buscando alternativas à programação “engessada” das rádios tradicionais, pessoas começaram a consumir produtos neste formato, o que possibilitou que ocorresse também uma democratização dos processos de produção de conteúdo, uma vez que, com a tecnologia digital, vários programas de gravação e edição de áudio são criados e disponibilizados de forma gratuita, na web (BUFARA, 2017).

Atualmente, de acordo com Bufarah (2020) existe uma vasta variedade de formatos de *podcasts* que podem ser explorados, como:

1) Monólogo: formato conduzido por apenas um apresentador. O termo “monólogo” é usado em *podcast* com mais reflexão, autoajuda ou histórias, onde o apresentador fala consigo mesmo ou com o ouvinte do *podcast*; 2) Bate-papo: o formato mais comum entre os apresentadores e ouvintes, o “Bate-papo” aborda discussões sobre variados temas entre pessoas distintas. Neste formato, não há um limite de apresentadores e participantes, podem contar com 2, 3, 4 participantes que podem ser fixos ou convidados; 3) Entrevista: neste gênero, um apresentador conduz uma entrevista descontraída e recebe diferentes convidados a cada episódio; 4) *Storytelling*: requer mais trabalho na construção do roteiro e a narrativa, mas chama atenção do público por carregar na emoção. Há uma geração de profissionais que vieram do rádio, dando importância à narrativa e à narração de histórias os quais, entretanto, se autonomizaram para produzir os seus *podcasts* (BONINI, 2015, p. 28).

Para Sequeira (2005), o jornalismo investigativo se diferencia de outros porque demanda de métodos de pesquisa e estratégias diferenciadas. O *podcast* jornalístico, tanto o investigativo quanto o informativo, proporciona um jornalismo mais amplo, especializado e acolhedor aos ouvintes. Isso se deve ao fato de a narração ser centrada nos personagens ou aquilo que é contado, constituindo a história, - “um discurso integrando uma sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação” (BREMONT, 1976, p. 118). Segundo Motta (2005), as histórias percorrem alguns processos, como: a recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico;

identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; construção de personagens jornalísticas (discursivas); estratégias comunicativas de objetivação e subjetivação; relação comunicativa e o “contrato cognitivo”; e, metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história. Sendo assim, o *podcast* jornalístico de cunho investigativo utiliza de suas técnicas para aproximar-se do ouvinte e captar sua atenção.

Para a análise exploratória do *podcast* “A mulher da casa abandonada” como um todo, a análise buscou-se identificar e descrever as seguintes características presentes: dados gerais, aspectos formais, recursos de produção, variáveis temáticas, recursos narrativos, formato, tempo, autoria, finalidade e periodicidade. “A mulher da casa Abandonada”, produção da Folha de São Paulo, estreou no dia 8 de junho de 2022, com sete episódios de 40 a 50 minutos. O *podcast* apresenta uma narrativa de gênero investigativo-interpretativo, mesclando documentário com técnicas de *storytelling*.

A narrativa explora a vida de uma figura enigmática, uma mulher a princípio chamada de “Mari”. Sua aparição ao longo do primeiro episódio intitulado de “A Mulher”, é descrita como “Uma senhora com seu rosto coberto por pomadas, roupas sujas e rasgadas, ao lado de seus cachorros, num casarão (a princípio) abandonado em Higienópolis, um bairro nobre de São Paulo”. A partir do segundo episódio: “A Casa”, O jornalista relata que “Mari”, na verdade é Margarida Bonetti, uma herdeira que cresceu no bairro nobre de São Paulo e havia se mudado para os EUA no fim da década de 1970 e voltou 20 anos depois, fugindo do FBI e da acusação de ter cometido crimes em solo americano. Neste momento, a narrativa começa a mostrar um lado mais sombrio de caráter criminal e investigativo. Já no terceiro episódio, “Uma rua em silêncio”, Chico vai até os Estados Unidos em busca de provas, à cidade de Gaithersburg, onde Mari tinha morado e seria acusada pelo FBI. A equipe utiliza sonoplastia para a imersão do ouvinte na história, como o toque na porta para mostrar que ele está investigando pessoalmente no local e sons de passos rápidos para transmitir a sensação de que o jornalista está correndo. A história começa a mudar com a ajuda de uma brasileira que presenciou o caso e ajudou a empregada de Margarida e seu marido a procurar refúgio e denunciar o casal, concluindo então, que a empregada era vítima de maus tratos.

No quarto episódio da narrativa “Uma mulher e um homem livres”, é descrito o processo de denúncia contra Margarida e Renê Bonetti. Chico inicia o episódio contextualizando o que aconteceu com cada um: Margarida/Mari retorna ao Brasil e seu

marido é detido e julgado em solo americano, onde cumpriu pena de 6 anos e meio. Ainda no início, Chico narra sua visita a uma empresa norte-americana de tecnologia em busca de Renê, mas o episódio se desenvolve com a entrevista com Vicky Schneider, a vizinha que ajudou Hilda dos Santos no processo contra os Bonetti. Já no quinto episódio de nome “Outras Tantas Mulheres” inicia com a narração de uma denúncia de trabalho análogo à escravidão em Minas Gerais, tendo como vítima a empregada doméstica de uma família elitista da cidade Madalena Gordiano. Também são narrados casos no Rio de Janeiro e São Paulo, mas o caso de Madalena é o principal. A produção conta com áudios originais das reportagens, detalhando as rotinas das funcionárias que dedicaram quase toda a vida às famílias para quem trabalharam, além das falas de Madalena. A música aplicada no episódio ajuda a compor o ar dramático, especialmente após falar marcantes.

“Um Fim que Não É Bem um Fim”, é o título do sexto episódio da narrativa. Cinco meses após o primeiro contato com Margarida, ela, que no começo não se furtava a conversar com o repórter, quando descobre que é tema de uma reportagem investigativa, também se torna inacessível para Chico, que decide ficar de prontidão na porta da mansão abandonada até que conseguissem conversar. O jornalista introduz o capítulo com o questionamento que guia as próximas ações da investigação: “Por que a justiça perdeu Margarida Bonetti?”. São feitas entrevistas com especialistas em direito internacional e esclarecidas dúvidas sobre o caso de Margarida. A primeira parte do episódio tem um teor mais técnico e jurídico, mas conforme os minutos passam, aumenta-se a curiosidade sobre o caso. Ao final do episódio, Chico anuncia que finalmente Margarida iria dar a entrevista. No sétimo e último episódio, de mesmo nome da produção, há entrevista da personagem, a primeira de sua vida. Diferente dos outros episódios, neste temos apenas o áudio da conversa entre Margarida e Chico Felitti, sem a narração do autor. Ela diz que não tem mais contato há anos com o ex-marido, que teria sido ele o responsável pelos maus tratos à ex-empregada. Falando sobre si mesma na terceira pessoa, diz que nunca fez nada e que tudo que sabem sobre ela é inventado. Neste último episódio, segundo o repórter, a ideia era expor a versão de Margarida, pois este seria um direito dela, somente.

CONCLUSÕES

A repercussão do *podcast* chegou a um ponto que, já no segundo episódio, uma cena começou a se tornar comum: jovens munidos de câmeras de celulares iam todos os

dias para a frente da “casa abandonada” para filmarem a si próprios comentando o *podcast*, na esperança de conseguir alguma imagem de Margarida Bonetti e assim multiplicar seus seguidores na internet. As cenas – mostradas inclusive no programa “Fantástico”, da TV Globo, suscitaram o questionamento das possíveis intercorrências da reportagem, que afinal tratava de um crime cruel – teria havido um ruído entre a narrativa jornalística e sua audiência, esta disposta mais a espetacularizar a realidade do que discutir a questão da escravidão moderna? A questão torna-se relevante quando voltamos à pergunta que motivou esta pesquisa. A partir da narrativa de “A mulher da casa abandonada”, quais as contribuições que os *podcasts* ligados ao jornalismo investigativo podem trazer ao jornalismo investigativo na atualidade?

A primeira é com relação ao tempo. Felitti teve meses para apurar, produzir e lançar sua narrativa, inclusive com uma ida aos EUA apenas para a investigação da reportagem. Na maioria das redações brasileiras, evitam-se reportagens com apurações longas, pelos altos custos. A segunda é a própria narrativa, a qual, assemelha-se a uma narrativa seriada em que os recursos sonoros contribuem para o suspense, havendo até um anticlímax ao final de cada episódio, no melhor estilo “continua nos próximos capítulos”, tradição que nasceu com os folhetins e marca produtos como as telenovelas ainda hoje. Estes recursos, próprios do *storytelling*, expandem a ideia de um jornalismo apoiado nos elementos narrativos para outros produtos midiáticos. Todos os formatos estão voltados à notícia, mas podem buscar uma nova forma de elaborar seu discurso, para prender a atenção do receptor da mensagem – isto se dá, segundo Taukath e Santos (2017), pelo poder de imersão dos conteúdos de um filme, videogame, livro ou partida de futebol. Um poder que também se faz presente no jornalismo, se a redação ou roteirização for capaz de incluir elementos narrativos em seus discursos.

É claro que não só o *storytelling* e os recursos de “rádio expandido” fizeram a repercussão do *podcast*, mas também a terceira contribuição ao jornalismo: buscar assuntos não só impactantes na narrativa, mas que também sejam capazes de instaurar uma discussão na opinião pública. Na esteira de “A mulher da casa abandonada” surgiram várias reportagens sobre trabalhos análogos à escravidão no Brasil da década de 2020. Diante disto, pode-se dizer que, à despeito das tentativas de espetacularização do caso (e outros semelhantes), o jornalismo investigativo mostrado pelo *podcast* teve caráter positivo.

REFERÊNCIAS

BUFARAH JÚNIOR. **Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira**. Anais do Congresso brasileiro de ciências da Comunicação - Intercom Nacional, 2020.

JUNIOR, Alfredo Bufarah. **Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas**. Curitiba: Intercom, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação, 2005. São Paulo: Intercom, 2005.

SEQUEIRA, M. Cleofe. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

TAUKATCH, Patricia Aparecida Hoça. SANTOS, Filipe Bordinhão dos. **O Fato e a Ficção: Aplicações do storytelling no jornalismo contemporâneo**. Intercom Nacional, Universidade Positivo, Curitiba, 2018.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog: Journalism in South America**. New York: Columbia University Press, 2000.